

Marcinha Girola

Misturei tudo
de pouco



Marcinha Girola

Misturei tudo
de pouco

Edição do Autor

Curitiba / 2008

Copyright© 2008 by Marcia Maria Girola

Direitos Editoriais em Língua Portuguesa reservados ao autor

Edição
Marcinha Girola

Capa
Marcinha Girola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Girola, Marcia Maria, 1982 -
Fenômenos Cotidianos / Marcinha Girola.
Curitiba: Edição do autor, 2008. 32p.
ISBN:
CDD – 869
Índices para Catálogo Sistemático
1. Literatura Brasileira

Email: mmg20@terra.com.br

PREFÁCIO

Embora muitas vezes tenha tentado esconder lágrimas e tantos outros sentimentos...

Mesmo tendo sempre a impressão de que sofrer faz parte de não sei o quê...

Ainda que não existam motivos e aspirações, é inevitável sentir felicidades e desejos, tormentos e várias ilusões.

Porém, ninguém nunca explicou, ou será que alguém já parou pra pensar que não sentimos absolutamente nada?

Pensamos sentir medo, mas de onde vem isso? E porque nos preocupamos antes das coisas acontecerem e várias vezes elas não se concretizam mesmo?

As pessoas não conhecem a si próprias e acreditam conhecer as outras que se aproximam.

Ninguém tem certeza de alguma coisa, no entanto, as dúvidas despencam por diversos lados, até de baixo.

Eu não sou mais a mesma garota e talvez nunca descubra se já sei ser mulher.

Uma simples brincadeira com as palavras pode contar muito e não falar nada.

O ser humano continua um mistério, sem possibilidade de ser totalmente revelado, pois pode se inventar como o momento pedir e assim desejar.

Entre textos e contextos, misturei tudo de pouco que tinha. Identificar outras intenções está para além das tentativas que criei.

DEDICATÓRIA

Para eu, tu, ele, nós, vós, eles.
Para os que sonham e realizam.
Para os que sonham e se arrependem.
Para os que choram com pena de si mesmos.
Para os que choram de rir de si mesmos.
Para aqueles, que assim como eu,
ao tentar descobrir sua essência,
quem realmente são,
aprenderam que deixaram de ser alguém que,
na verdade, nunca foram.

AUTONOMIA

Nas primeiras horas geladas do ponteiro, as singularidades apresentam-se à rotina. Expostos à luz, suas percepções desejam desesperadamente desviar-se e retornar. Num impulso obrigatório, permanecem.

As massas experimentam o movimento do repouso paralisando, além de suas extensões, seus processos de construção.

As soluções não têm problemas e não necessitam metamorfoses. O raciocínio é engolido mas não há fome devoradora de imaginação.

Alguns sons aproximam risos e horrores.

Nas dores incolores da vida, o sacrifício não supera as necessidades que tornam-se menos conhecidas a cada ângulo focado.

Os padrões instalam-se e mapeiam modelos incompletos.

Uma espécie de cadeia alimentar tritura os indefesos abaixo da média estrutural.

Presos nas cavernas inconscientes da dificuldade, autônomos, algemam-se a si mesmos, protestando a mudança de estado.

Quando desafiados, esperneiam em sua persistente e precária fragmentação.

Os conceitos se atropelam e tornam-se ausentes nas manifestações fundamentais da argumentação fazendo a modernidade obedecer sem questionar.

SERÁ QUE NÃO SEI SER MÃE?

Será que não sei ser mãe?

Agora, essa pergunta fica rodando dentro da minha cabeça e começo a ficar enlouquecida com a tontura que me causa.

Numa dessas conversas periodicamente semanais que tenho com meu pai, contei um fato acontecido no dia anterior. Toda empolgada, descrevi como fora a noite de trabalho.

Tiros na frente do colégio... A sirene do carro policial soava na rua. Parecia imitação, daquelas buzinas engraçadas que o povo instala por aí. Mas foi por causa da freada que a ficha caiu. Era real. Uma perseguição, bem pertinho.

Os fugitivos, de moto, quase bateram no carro de um professor que estava saindo como de costume, após uma noite cansativa, rumo ao confortável aconchego do lar, e estacionaram ali, dentro do pátio, no meio de outros carros.

Armados, os "defensores" da lei deixam os assentos do veículo e correm. Ordenam que os meliantes encostem na parede com as mãos pra cima. Tapas na nuca, chutes nas canelas. Revistados, todos. Dos dois, um sai algemado. Os curiosos juntaram-se mais que depressa pra tentar reconhecer alguém ou questionar o que estava acontecendo...

O que aconteceu? Só eles sabem, porque explicação alguma foi dada.

Os infratores, menores, foram reconhecidos: alunos daquele turno, gazeando aula.

De repente, percebo o olhar vermelho, turvado pelas lágrimas que meu pai segurou pra não escorrer. Cheguei a imaginar seus pensamentos... "Ela acha isso emocionante? Meu Deus, quanto perigo..." Talvez não tenha pensado com essas palavras, mas nesse sentido, com toda certeza. Restou dizer apenas para eu tomar cuidado na rua.

Isso me levou a pensar nos medos e preocupações que tenho, ou não, em relação ao meu filho.

Não me assusta a idéia dele cair e se machucar. Não me importa até que idade vai viver.

Mas me incomoda o quanto ele vai ser parecido com o pai ou com a mãe, seus medos e seus sonhos. Me aflige a sensação de ser responsável pelas suas atitudes e pensamentos desde a sua formação no útero até seu último suspiro. Me angustia as incertezas do hoje e do amanhã. Se estou fazendo certo ou errado. Porque, as desgraças, os machucados e cicatrizes são possíveis e, alguns, inevitáveis.

Mas os aprendizados e realizações não contam? Tantas indagações e exemplos... Ainda me resta a pergunta: será que não sei ser mãe?

POLÍTICA

Dizem que a primeira impressão é a que fica, mas não é mais possível contabilizar os incrédulos manifestando a divisão dos créditos ou os idealistas desacreditados.

Princípios sub-existem e diminuem a olho nu. As correntes, ora rompem, ora escondem insuportando as partes que despedaçam sempre mais.

O sentimento de pertença cresce e desaparece na utopia insana e imperfeita. E não há para onde correr, pois todos os lados estão sujos.

Os procedimentos da coletividade agregam identidades num sistema sem interações de interesses, conquistando problemas e transformando a política em demagogia.

MAIS DO QUE SÍMBOLOS

Quando escrevo, borro espaços sem vida, com as cores da minha leitura de mundo.

As loucas palavras unem-se na intenção de provocar novas idéias.

Nas entrelinhas, entrego um pedaço de mim, expondo as agonias e esperanças.

Compartilho pensamentos mesmo sabendo que sou responsável pelos efeitos, porém, tenho consciência da falta de controle sobre os mesmos.

Pois a forma como serão acolhidos, pode mudar todo o destino e talvez, até o sentido.

O tempo passa e a história se encarrega de transformar e reconstruir os significados de acordo com o espaço e o contexto, pois mais do que letras, há uma alma impressa nas figuras que permitem aos grupos conhecer as diferenças.

MATRIMÔNIO

Tudo começou quando Ele e Ela resolveram estabelecer um vínculo religioso e social para reconhecer e legitimar suas relações sexuais.

Música, burocracia, juramentos faziam parte daquele momento que termina coroado com um par de alianças.

Uma festança para a família, parentes, amigos e alguns desconhecidos.

A primeira noite não foi feita para dormir, mas aproveitar cada minuto juntos.

No segundo dia, a louça fica empilhada, as roupas jogadas pelos cantos.

A tarde seguinte os sorrisos nos rostos importam mais que qualquer outra opção.

Mais um dia, e melhor do que usar o fogão novo, é sair para jantar.

A licença no trabalho expira e os compromissos agendam-se em meio a tantas carícias.

Amanhece, Ela já preparou o café, Ele se veste, um selinho, uma refeição, uma carona, a obrigação é realizada com muita satisfação.

Fim de tarde, o retorno, o jantar é preparado a quatro mãos, uma boca, duas pernas...

A fome é saciada, a conversa é trocada pelo banho, a camisola não tem tempo de ser vestida. Fim de um mês.

Manhã nublada, o despertador grita, os braços se esticam, as pálpebras fazem força para abrir.

Uma disputa para ver quem vai ao banheiro primeiro, as perguntas procuram a chave do carro, os pontos sinalizam os vencimentos e as reticências deixam pra depois outras situações. Fim de alguns meses.

A barriga dEle cresce, a bunda dEla engorda. O cabelo dEle cai, os seios dEla descem. Fim dos primeiros anos.

Ele reclama dEla para a mãe, a sogra, o sogro, os amigos de cerveja, de futebol.

Ela chora por causa dEle na frente do espelho, da psicóloga, da amiga, da irmã, da cunhada, da mãe, da sogra, da tia, da vizinha, das colegas de trabalho, até das desconhecidas.

Se não houver separação, vai ser assim até o fim de todos os anos.

BODAS DE PAPEL

Para lembrar aquele dia, os registros são muitos: álbuns e cds de fotos, vídeos, pôsters, convites, além dos comentários dos parentes sobre a festa, o vestido da noiva, o suor do coitado do noivo.

Passam os dias, os meses, enfim, um ano de união. É hora de comemoração, mais modesta que aquela, algo particular, somente para os dois.

Logo que o celular desperta, Ela espera a iniciativa dEle de lembrar que dia é aquele, mas Ele levanta, escova os dentes, veste o paletó e sai para o trabalho. Ela chora, grita, se descabela toda, porque Ele esqueceu. Isso não poderia ter acontecido, a não ser que Ele não gostasse mais dEla. O mundo começava a desabar sob seus pés.

O telefone toca, só pode ser Ele, pedindo desculpas pelo esquecimento, ou uma telemensagem. Do outro lado da linha, a mãe pergunta qual foi o presente do primeiro aniversário de casamento. Seu pranto enlouquece e acaba desaguando durante a ligação.

As horas demoram para passar, mas quando passam, o homem causador de suas lágrimas retorna, muito após o horário costumeiro e não estava na empresa fazendo hora-extra, porque a essas alturas, Ela já havia ligado perguntando por Ele. Assim que a porta abre, Ela o recebe com a vassoura na mão e gritos, questionando o nome da outra. Sem entender, e vestido com uma samba canção de jornal, Ele simplesmente responde: “Querida, feliz bodas de papel!”

CRIATIVIDADE

- Quanta criatividade, hein, menina.

Foram essas as palavras dele, enquanto eu contava sobre as aulas que havia dado. Meu rosto se confundia com o riso e a indignação, entendendo o dito como elogio para o fato do resultado obtido com o exagero da imaginação. Ao ir embora de encontro aos compromissos, o carro parecia se guiar sozinho, pois o pensamento estava longe, ou melhor, perto, bem ali, naquela frase. A inquietação causou uma retrospectiva tentando buscar o início de tudo.

Um braço esticado ao teto. Uma pergunta. Múltiplos olhos aguardando a resposta que poderia ser simplesmente sim ou não. Para além da simplicidade da falta de estímulo, deveria a minha crença fundamentar os argumentos de meus alunos?

Em contraposição a opiniões prontas, não exitei em incrementar na resposta. Fui logo dando exemplos de casos passados. Entre as palavras, os gestos preenchiam os espaços do episódio, provocando a sensação de quem revive a cena, numa verdadeira simulação como nos filmes policiais.

Ao final, a solução da dúvida, cabia ao próprio indagador encontrar.

Confesso que eu invento algumas idéias, ou aumento outras, mas só para causar uma emoção a mais. Mas não conto nenhuma estória. Só sei falar sobre aquilo que vi, ouvi, vivi, ou li. Talvez, também por isso, eu não tenha paciência para temas de ficção científica.

NO DIA EM QUE CUMPRIMENTEI O GOVERNADOR

Como aconteceu, eu não pretendo esquecer pelos próximos anos. Mas o dia, ao certo, eu não recordo mais.

Só o que lembro, era ano de 2006.

Um dia antes, todos já estavam sabendo sobre a nobre visita e se perguntavam se seria verdade, combinavam as roupas a serem vestidas e as cores da maquiagem.

Não era sabido o horário, apenas que os seguranças já haviam fiscalizado o local.

Passou a manhã, e também a expectativa.

No período da tarde, ninguém se importava com o cabelo despenteado, os lábios sem batom.

Termina as aulas, os alunos correm para suas casas e lá, ficam alguns poucos a retrucar o não comparecimento do ilustre senhor.

As pernas se esticam no sofá, o controle vai passando pelos canais.

Quando menos se espera, chegam câmeras, homens de paletó e ele.

Sempre tem alguém que corre para avisar.

A dúvida agora imaginava se era ele mesmo ou um sócia.

Vamos para o mesmo lugar, ver com os próprios olhos se por ventura, haviam mandado algum representante. Mas não, o próprio, em carne e osso.

Para fugir da filmagem, desviamos os passos para outra direção, pois chegara o instante do final da visitação. No entanto, não passamos despercebidos.

Vistos, e cumprimentados com um aperto de mãos. Particularmente, recebo um beijo no rosto inutilmente esquivando-me física e verbalmente do registro de imagens.

Irônico, responde à minha expressão contrariada, de que além de aparecer numa das maiores redes de comunicação visuais, ainda seria personagem, como atriz de novela.

A boca amarrada só sorria e por trás dos dentes serrados, a língua se contorcia ao ser inibida de pronunciar as poucas palavras que invadiram o pensamento. Foram ditas apenas a mim.

Foi assim, o dia em que cumprimentei o governador. Ficou a dúvida. Qual seria a reação, de ambos, se eu tivesse dito que seria um bom jeito de ser reconhecida a nível nacional e, sobretudo, ganhar mais?

IGNORÂNCIA

O sinal condiciona o movimento dos corpos aos seus respectivos ambientes de aprendizagem.

Covardemente, há uma luta de vozes: são quarenta, contra apenas um.

O tempo é cronometrado pelos olhos fixados nos ponteiros digitais.

Quando o silêncio contraria a totalidade dos sons, o foco se volta a unidade superior.

Soberano e inigualável, as palavras pronunciam idéias submissas, outras autônomas.

A obediência abre espaço para a insolência resultando no diálogo hipotético absoluto.

O tiro de misericórdia cessa o sarcasmo descompassado e decadente.

A realidade teria passada despercebida, contudo, a crítica questionável se estende histericamente.

Na difícil tarefa de conduzir à emancipação, transpondo os muros da falta de instrução, os indivíduos, na sua maioria, preferiram trocar a compreensão pela capacidade de dar continuidade ao seu estado inicial de ignorância.

UMA NOITE

O tempo?

Noite chuvosa, de céu iluminado por lampejos impetuosos. O frio assoviando e enlouquecendo o silêncio.

O cenário?

Espaços isolados por quatro paredes. Várias mesas e cadeiras vazias. Organizadas de forma sistemática, num alinhamento disciplinar.

De um lado, janelas com suas grades de vidros incompletos, de outro, a porta, dando passagem aos personagens.

Os personagens?

Muitos. Alguns até passam despercebidos no mundo da numerologia sequencial. Mas todos com o mesmo objetivo. Ou seria obrigação? Sentar seus glúteos na madeira fria, borrar com tinta algumas folhas, ou ter os lápis gastos com respostas para perguntas sem sentido e problemas envolvendo significativas expressões numéricas.

À frente, em destaque, um ator, um palhaço, um comediante, um carrasco, um infeliz, um camarada, um carismático. Tem solteiro, noivo, casado, separado, conjugado, amontoado. Gordo, magro, alto, baixo, loiro, moreno, oxigenado. Tantas diferenças. Como são em menor número, é possível ver todos os defeitos e algumas qualidades.

O fato?

A chuva que vai aumentando do lado de fora do espaço coberto, pode ser percebida ou apreciada. A torcida, mais organizada do que em estádio de futebol, clama e espera pela escuridão fatal. As vozes se unem como quem faz uma prece. Tudo na tentativa de se presenciar uma fuga coletiva. A vontade da maioria é chegar, eles sabem onde e encostar seus esqueletos mortalhados em suas covas gélidas.

Destino, coincidência, milagre ou acaso... O negrume naquelas últimas horas do dia se estabelece. Gritos, lampejos. Gritos, ruídos. Gritos, feixes de luz. Gritos, objetos a flutuar. Gritos, passos sem parar. Gritos, vestes a inundar. Gritos sem cessar.

No clarear seguinte?

Parecia apenas uma tempestade, mas foi um furacão. Era para ser apenas um curto nos cabos elétricos de uma determinada região, mas foi pior que um pesadelo, uma verdadeira explosão. Os sinais, as marcas, estão por todos os lados, com destroços espalhados pelo chão.

FILHOS DO CARNAVAL

Reparando a lista de aniversariantes do mês, é significativa a quantidade de datas comemorativas. Calculando uma regressão aproximada de uma gestação, lembrei da minha gravidez e, anterior a ela, os três meses de tentativas para concretização do maternal lado feminino. Como era querido aquele estado, transformar-me de filha para mãe. Quantas assim desejam num resultado negativo. Outras sequer imaginam-se com um pedaço de si mesmas nos braços após algumas dezenas de semanas, no entanto, no papel, sinal positivo. Tem as que tornam-se notícia jornalística pelos atos considerados antiéticos, mesmo dentro desta sociedade capitalista.

Contudo, isto também me lembra a parte negra de minhas dúvidas, agigantando as inquietações antes desconhecidas. Por mais de umas vezes, em resposta as minhas curiosidades, eles admitiam o desejo de tornarem-se pais, apesar do momento inoportuno.

Como sempre, tem alguém disposto a sugar sua fragilidade e derrotar-lhe os preconceitos, fazendo a visão de uma família que nasce perfeita e caminha na fragmentação dos diálogos, na desestruturação e na separação dos indivíduos se deteriorar diante de novos aspectos: agir como fruto de um gozo sexual ou resultado das uniões joviais; estar em movimento devido aos sucessos conjugais cujas mãos se entrelaçam aos medicinais; servir de resistência à indignação nos atos e imagens rebeldes; ser único em constante transformação, negando velhos paradigmas comportamentais e de pensamento; existir das festividades, da reconciliação do casal ou pelo simples fato de sermos filhos do carnaval.

ENCONTRAR UM SENTIDO

Nos desatinos incessantes na correria dos dias, há alguém que pára e pensa. Pensando e desacreditando das situações banalmente tornadas místicas e inexplicáveis. Algo parece errado e nem mesmo se sabe onde fica o correto.

Eram muitos, mas continuavam sós. Irreais, incompletos, insatisfeitos, sem entender o outro quando não enxergavam a si próprios em frente ao espelho.

Tudo tinha que permanecer normal, pois não se permite mais tempo para loucuras, não é necessário mais espaço para ser um pouco de prazer. As palavras se tornaram repetições, os abraços ficaram iguais e os gestos simplesmente deixaram de acontecer.

E choraram rezando sem fé, pediram implorando um milagre. Entre deuses, oferendas e devoções, promessas impossíveis lançadas ao amanhã à espera de um futuro agora.

Tristes e derrotados pelas próprias limitações e punições, os sonhos perderam as cores enquanto os amores se derreteram em brilhantes dores.

A multidão cada vez mais próxima... A solidão tanto maior que sufoca.

Encontrar um sentido não responde, não sustenta. Mas ser encontrado obriga a deixar-se render ao desconhecido, importa mais o ser enquanto se morre para viver, impõe levar-se ao subjetivo e renascer em pedaços, restando a liberdade de escolher os retalhos que o tornarão único, inteiro e completo.

DIFERENÇAS

Início de ano é sempre igual e diferente. Igual na expectativa, na idealização dos sonhos, na esperança das concretizações. É diferente, porque não somos mais os mesmos do ano anterior, aumentam-se os dias e, com eles, nossos anseios, recordações, nossas experiências humanas e nossas vivências mundanas.

Algumas idades são carregadas de pensamentos contraditórios ou de ações involuntárias. Outras fazem dos minutos, um eterno adormecer. Mas ainda há aquelas que lutam, resistem e mostram a face ao tapa.

Nessa mistura de números e gênios, a sensação de estar só assusta mais de um e menos de muitos.

Enquanto o mundo presencia uma guerra fria, as armas contra a ideologia escolhem a si mesmas mas isso não tem importância no atual contexto globalizado e altamente tecnológico.

As ruas estão poluídas, em todos os sentidos. Os maltrapilhos fantasiados de zumbis acreditam estar vivos pelo simples fato de estarem em movimento. Por todos os lados, o cheiro de sangue é inalado e a dor se disfarça no prazer, enquanto o sofrimento agoniza trancado dentro do ser.

Onde ficam todas as promessas de mudança? Foram lançadas ao vento para não correrem o risco de serem quebradas? Estarão protegidas entre chaves e correntes? Do quê? De quem? De você, de mim ou de ninguém... Talvez elas tenham deixado de existir já que não puderam atravessar a ponte da prática.

Se fosse possível abrir todas as atrocidades com um bisturi holográfico... Se fosse possível? Não é impossível. Talvez o façamos com tamanha facilidade... E, no entanto, negamos aquilo que vemos e costuramos as incisões deixando pequenas, grandes, simples ou horrorosas cicatrizes. Estas marcas, podemos encobrir com tatuagens, porém, saberemos que elas continuam lá mascaradas nas cores de nossa angústia.

Não é suficiente entender a diferença entre um canudo de pano, de papelão, de plástico ou de metal, para que as luzes do palco sejam refletidas nos fios de ouro e prata que brilham em suas

vestes formais. Também seria medíocre santificar todas as causas e condições num sistema superior enquanto as lágrimas turvam os sentimentos de uma conquista banal.

Só tem valor os holofotes quando eles não estão presentes ofuscando o olhar e desviando a atenção da superficialidade para a inutilidade.

O sucesso só tem razão de ser quando as ações estiverem de mãos dadas com o saber e os corpos movimentarem-se além da física, num ritmo onde o fazer possa acontecer e a diferença seja apreciada e percebida.

FICANDO VELHO

Depois que nasce, é um, dois, três, quatro, cinco... dez... quinze... vinte, vinte e um, vinte e uns.

É quase regra as pessoas omitirem suas idades cronológicas, como se pudessem escapar da realidade que se constata e comprova no documento de identidade.

Os primeiros anos da vida, são comemorados com festas, fotos, lembranças, os amiguinhos da escola, todos os parentes do papai e da mamãe.

Na segunda fase, os familiares vão sendo propositalmente esquecidos, para que haja espaço e comida suficiente para aqueles que se desejou e fez questão de convidar. Adultos nessas festas é coisa de criança, super sem graça, um “mico” desnecessário e nada a ver com os colegas que estarão lá.

Chegando aos vinte, festa em casa é coisa de pobre e como nessa idade, ninguém o é... ideal mesmo é sair pra balada com os amigos, de mesma idade ou ligeiramente mais velhos. Coroas do pai e da mãe, só parabéns por email, sms no celular, quem sabe uma telemensagem no telefone, quando encontrar o indivíduo em casa, especialmente se a comemoração cair justo no fim de semana.

Aos vinte e uns, a passagem é feita em algum boteco, com os amigos do serviço ou em algum salão de beleza com várias desconhecidas.

Alguns vão receber um presentinho básico, uma cueca nova, da esposa, um cartão de crédito com limite dobrado do maridão.

Aos vinte e uns, também tem os que vão receber um abraço do filho dizendo: “Parabéns, meu velho. Quando você aumentar minha mesada eu compro um presentinho, tá bom?”

E com vinte e uns, já não vão mais querer que cantem o fatídico parabéns pra você. Mas ficarão na expectativa de quem vai ligar primeiro, segundo ou vai deixar passar em branco. Alguns até resmungarão que ninguém lembra, ninguém os ama, ninguém mais tem tempo pra eles ou ficaram com os olhos cheios de lágrimas quando alguma família chegar com bolo e outros comes e bebes

para impressioná-los.

Mesmo com vinte e uns sendo valentemente carregados em cada perna, o mais importante é saber que fica-se velho mas com muitas riquezas. Não apenas materiais. Os amigos sempre estarão ali, do lado, em algum lugar no coração...

Os filhos, mesmos aqueles que se adota pelo caminho, também sempre estarão lá, apoiando, criticando, chorando ou pedindo colo.

Alguns perderão os pais e muitos outros pelo caminho, mas deverão saber que os que se foram, levaram com eles o orgulho dos que ficam fazendo diferença na vida de outras pessoas.

Fica-se velho, mas junto, fica a riqueza e grandeza do conhecimento teórico, prático, dramático e extrovertido.

Ficando velho no papel, na contagem dos anos, no corpo que a natureza controla, ainda que tentem pagar para médicos darem um jeitinho de arrumar uma coisinha ou outra. Ficando velho, o indivíduo nunca está sozinho, tem consigo as vivências suas e de tantos outros, tornando-se múltiplo. Ficando velho, os feitos são muitos e as realizações possíveis. Ficando velho, o relógio é companheiro, apressado, cansado, motivado, esperançoso. Ficando velho, o tempo é recordação, é medida dos arrependimentos dos quais não se arrepende mais. Mesmo ficando velho e correndo contra o tempo, e ainda que o tempo seja tempo, nunca é demais receber de presente um pouco mais de felicidade.

QUE CHEIRO É ESSE?

A professora sai da sala gritando por não aguentar mais as gracinhas dos alunos, lhe parecia que um dos grupos encontrava motivo para risos nos cheiros vaporosos dos gases.

Ao serem questionados, negam e riem. Por fim, a situação que se instalou era um manifesto ao cheiro desagradável, que na verdade, vinha dela mesma.

Sobra o desconforto de ser indicada para orientar sobre a utilização de produtos de higiene pessoal. Amenizaria, talvez, ser falsamente educada ao ponto de presentear-lhe com um kit colônia, correndo o risco de ter o objetivo descoberto ou, quem sabe, o aroma que me agrada causar alergia na alegria dessa pessoa.

Isso faz pensar na classificação dos odores: agradáveis e desagradáveis. No entanto, mesmo alguns podendo ser controlados ou manipulados, os critérios para tal são demasiadamente subjetivos. Sem esquecer dos feromônios, os tais hormônios sexuais, que ativam a libido, causando uma excitação provocada pelo aroma liberado, o qual, inexplicavelmente, somente se sente o do outro.

O mais interessante, nisso tudo, é que alguns indivíduos parecem não sentir seu próprio odor. E por fim, não têm idéia do quanto outras pessoas se afastam delas durante uma conversa, nem sentem, portanto, como esse fato também faz com que o outro perca ou ignore seus desejos sexuais.

Há quem justifique o problema como uma relação mal resolvida, especialmente com alguém do sexo masculino, uma sexualidade com deficiência e ignorante. Pode ser também falta de água e sabão, por motivos tantos, dos ilários aos mais preocupantes. Como pode ser o excesso de perfume. E já disseram algum dia: “Esse não confia no próprio cheiro.”

Mas que cheiro é esse?

É tão diferente de pessoa pra pessoa, de homem pra mulher, de mulher pra mulher. A diferença é ainda maior quando é de criança, da rebelde puberdade, oscila entre os adultos e vai tendo outras características na velhice.

Alguns vão cheirar e beijar os pés de suas crianças, sem se importar com aquele azedinho inalado entre os dedos, enquanto torturarão seus iguais, pelas meias desagradavelmente aromáticas.

Quais os estímulos, externos ou internos, que provocam respostas – ou alterações dessas – tão particulares?

- Está sentindo o cheiro de queimado?
- Não. Estou sentindo o perfume de rosas.

- Como o banheiro dos meninos fede.
- Não sei, não sinto cheiro de nada.

O que há por trás da sensibilidade do nosso olfato que nos deixa insatisfeitos, apaixonados, intolerantes, desejosos, enojados, curiosos?

Porque certamente é, no mínimo, curioso ou estranho alguém dizer que você está com um perfume maravilhoso naquele dia, pergunta até o nome, e, não se usa perfume algum. Ou então, se alguém disser, simplesmente, para o outro: “Você tem cheiro de sexo!”

Que cheiro é esse?

Que cheiro é esse que o outro percebe, e quando se é o outro, também se sente?

ENSINO RELIGIOSO

Essa era a disciplina que eu lecionava para as turmas de quinta série. Tinha vinte e três anos, era o primeiro ano numa escola estadual.

Eram sete turmas no período da tarde, com aproximadamente 40 alunos cada.

Uma delas era um verdadeiro caos, não conseguia fazer muita coisa durante a aula, pois os alunos eram uma loucura. Falavam demais, não respeitavam ninguém. Só se comportavam com dois professores, porque diziam ter medo deles.

Toda vez que olhava o horário, e lá estava aquela trágica turma, era como se fosse entrar num pesadelo.

Neste ano, fiquei grávida, contei para quase todo mundo, menos àquela terrível quinta F.

Quando eles perceberam o tamanho da minha barriga, de sete meses, não pude escapar de responder que estava grávida. Pensei que eles fossem colaborar, como os demais alunos das outras salas. Nada. Piorou. Eles ficaram demasiadamente incontroláveis e o conteúdo, mais do que atrasado.

De repente, eis que um aluno me entrega um bilhete, dizendo que encontrou em cima da carteira dele: “Como nascem os bebês?” Naquele momento, não era pertinente ao tema que estávamos estudando, deixei sem resposta, pois me pareceu apenas uma brincadeira de mau gosto.

Na semana seguinte, outro bilhete.

- Ó, professora. Foi o “fulano” que mandô.

“Como nascem os bebês?”

- Pessoal, chega de brincadeira – respondi. Isso não tem graça.

- Professora, eu sei como nascem os bebês. A mulher começa a gritar, gemer (nisso, ele estava mesmo gritando e gemendo) e gritar e o bebê sai pelo buraco lá de baixo.

- Mas não é só assim que nascem os bebês. Tem mulheres que fazem um corte na barriga, e não precisam nem sentir dor, nem gemer. Chama-se cesária.

- Sério, professora? Mas para o bebê entrar aí na sua barriga você fez sexo, né?

- Fiz sim.

- E na hora do sexo a mulher geme assim (gemido), né?

Poderia dizer que fui salva pelo gongo. Pois o sinal tocou e a aula, ufa, terminou. Fizemos um combinado antes de a próxima professora entrar. Na aula seguinte, se eles prestassem atenção na matéria, eu responderia as perguntas sobre sexualidade nos últimos cinco minutos da aula. Assim foram todas as aulas até o final do ano.

Foram tantas perguntas, que não me recordo de todas elas, mas oscilavam muito, dependendo de quem as questionava.

As meninas queriam saber porque as mulheres gemem, os meninos se masturbam. Se era verdade que a primeira vez dói, sangra e se poderia engravidar.

Os meninos queriam saber porquê e o quê as mulheres costumam usar para se masturbar.

Elas fizeram muito mais perguntas que eles. Eram sobre sexo convencional, fantasias, oral e até anal.

Só lembro-me de não ter deixado nenhuma dúvida sem resposta.

DEPRESSÃO INFANTIL

Tinha dezessete anos, era o segundo ano que lecionava aulas de catequese aos sábados.

A turma era bem diferente da primeira, do ano anterior. Menos participativa, menos conversa, menos brincadeiras, menos perguntas, menos de tudo.

No final das aulas, os alunos costumavam brincar de pega-pega até que seus responsáveis viessem buscá-los. Como professora, eu ficava esperando o último ir embora para retornar a minha casa.

Ela era uma gracinha, na sala, sempre com a mãozinha sob o queixo, prestando atenção, quietinha, não perguntava nada, não falava com ninguém.

Não sei quantos sábados se passaram, em um deles, sua mãe veio conversar comigo ao final da aula, enquanto as crianças brincavam distraídas esperando pelos pais e mães. Era a primeira vez que ela participava da brincadeira com os demais.

De mansinho, a mãe contava que não sabia o que fazer com a filha e logo me avisou que ela tinha depressão infantil. Não tinha a menor idéia do que isso significava, nem o quanto era ruim. Apenas prestei atenção na fala angustiada da mãe.

Nesse período, eu também não tinha acesso a computador, que dirá internet, para pesquisar o que era, como fazer para ajudar, enfim, me senti inútil e perdida, sem palavras, sem ações. Passei a semana inteira com aquela frase na cabeça. “Ela tem depressão infantil.” Céus, que seria isso? Seria uma doença mental? De quem será que ela tinha pego esse negócio?

No sábado seguinte, olhava pra ela e dizia em pensamento: “depressão infantil, coitada”.

Sem saber, fui dando uma atenção ao que ela não fazia, criando mecanismos que a levassem a falar, a brincar. Então, as atividades eram mais do que responder o questionário do livro, cada semana eu pensava em como transformar aqueles exercícios, brincávamos de telefone sem fio, batata quente, tantas outras...

Era gratificante ver seu sorriso, escutar sua voz, vê-la movimentar-se entre os colegas. Aprendi também, a questionar o porquê para eles mesmos, antes de ficar pensando que sabia a resposta. E sabe porquê ela não brincava de pega-pega com os colegas? Porque ela se achava tão pequena diante deles, que tinha medo que a machucassem.

Ano seguinte, comecei a faculdade e enfim, depois de ter esquecido aquela frase que tanto me preocupou - “Coitada, ela tem depressão infantil.” - tive a oportunidade de ler e entender o significado de tal expressão e às vezes me pergunto: se eu soubesse, naquele dia, teria feito as reflexões e tentativas que propus, ou teria tratado aquela linda menina como mais uma criança com dificuldade acreditando que nada poderia fazer para ajudá-la?

PROFESSORA, MACUMBA PEGA?

Nas escolas, as aulas de ensino religioso são facultativas, mas naquela, os alunos nem sabiam disso e participavam normalmente das aulas.

O professor faz o planejamento anual, de acordo com as diretrizes da disciplina. Separa os conteúdos, elenca os objetivos, separa os recursos, programa a metodologia. Tudo certo para a aula ser perfeita, sem problemas.

Basta o comentário sobre a religiosidade afro, ou falar as palavras candomblé e umbanda, para alguém perguntar: “Professora, macumba pega?”

Outro professor, menos experiente e menos conhecedor, teria respondido de acordo com sua crença particular, dizendo ou sim ou não.

Mas isso não aconteceu. Além de explicar que macumba é um instrumento musical, e que aquilo que se pensa ou acredita ser macumba é uma oferenda, outras dúvidas se seguiram.

- Macumba é uma coisa ruim, né, professora?
- Professora, essa religião é do mal, né?
- Ui, professora, eles matam animal...
- Professora, a tia da fulana faz macumba.

Algumas pedagogas acham o cúmulo do absurdo, sair do planejamento e trabalhar além do que está na diretriz, como se essa fosse lei.

Mas o docente não se incomoda e responde as dúvidas dos alunos. Leva exemplos, conta inúmeras histórias. Todos participam, contam seus causos, seus medos, seus sonhos e pesadelos. Por fim, fazem pontes na história, na religião, na sociedade, na família. Desmistificando conceitos embutidos de preconceitos que lhes são impostos pelo simples fato do desconhecimento cultural.

PROFESSORA, MACUMBA PEGA!

Alguns alunos trazem dúvidas, outros trazem suas bagagens de certezas.

Apesar de dias explicando sobre o uso inadequado do termo macumba, eles não desistem de chamar os cultos e oferendas dessa maneira. E seus exemplos são tantos, que não é necessário sair pesquisando.

Certa vez, uma aluna interrompeu uma explicação, com sua afirmação: “Professora, macumba pega, sim!” Abri espaço para que justificasse e explicou assim: “Sabe aquela casa abandonada na rua tal? Lá eles fazem macumba todas as noites. Um dia, a filha da minha vizinha saiu mais cedo da escola e entrou lá na casa. Ela morreu de macumba. Minha mãe me contou.”

Fiquei paralisada, sem saber o que dizer, pra minha sorte, outros alunos quiseram contar algo que viram num determinado programa de televisão. E a aula acabou.

Ao sair da sala, uma outra aluna me segura pelo braço e diz: “Professora, sabe aquela história da menina que morreu de macumba?” - terminei de ficar preocupada, não tinha palavras pra responder alguma coisa - “Ela não morreu de macumba. A mãe dela falou isso, porque quando o fato aconteceu, ela tinha sete anos. E, para não precisar explicar que a menina foi estuprada e degolada, disse que morreu de macumba.”

Aquele dia fui embora aliviada. Pensando que eu não conseguiria mudar o pensamento daquela aluna, dizendo que sua mãe mentiu, mas que ao menos alguns de seus colegas sabiam da verdadeira história e não sairiam falando coisas sem sentido e infundadas.

Nas aulas seguintes, tentei mostrar com outros exemplos, que desde o berço nós aprendemos a viver com medo do desconhecido, somos ninados por canções que nos fazem temer a própria sombra.

Sabendo disso, ainda que inconscientemente, as pessoas continuam a utilizar desse mecanismo para nos dominar, controlar. Talvez por receio de terem filhos com os olhos mais curiosos e menos fáceis de disciplinar, os pais sejam tão coercitivos ao ponto de exteriorizar suas incompreensões em preconceitos descarados.

QUAL A SUA IDADE?

Sessenta ou terceira? Trinta ou adulta? Dezoito ou jovem? Dez ou infantil? Quinze, no papel, no corpo ou mental? Idade se conjuga em que tempo? Passado, presente ou futuro? Idade é verbo ser, ter ou estar?

Tantas indagações... Ou o mundo é louco, ou as pessoas tornaram-se normais.

Ninguém explica porquê a idade aumenta ao invés de diminuir; nem responde as perguntas anteriores sem continuar na dúvida. Também não há ousados o suficiente para questionar e mudar as leis da aposentadoria. Dificilmente alguém vai ter interrogações em relação às mudanças biológicas determinantes da vida humana. E é improvável que alguém tenha pensado os direitos reservados para esta ou aquela idade como meros preconceitos subestimadores.

Aos catorze de registro, a mentalidade apontava dezoito de juízo. Aos vinte e um, barrado na entrada do bar, e sempre disseram que tamanho não era documento. Vinte e cinco: o filho é o irmãozinho mais novo ou a estatística sobre gravidez na adolescência não deve ser atualizada há muito tempo.

Será que não está na hora de parar todos os ponteiros pra se repensar o conceito de idade? Que significados vêm dar às expectativas individuais e coletivas, profissionais ou afetivas?

Facilita acreditar na simples fatalidade das imposições temporariamente sustentáveis e negar o momento para ser como amanhã ou voltar ao ontem.

As perguntas tendem a ficar infinitas cada instante de viagem do pensamento, enquanto não há devolutivas.

A regra para calcular a idade real ou aproximada dos sujeitos possui inúmeras variações. As medidas apresentam revelações de comportamento-personalidade, divisão-cultura, marketing-economia, concepções-leis, com base em fundamentos de interesses ideológicos políticos e sociais.

Enquanto isso, o tempo não parou e não passou para muitos, mas para todos. Sendo assim, a sua idade não existe a não ser para você mesmo. Pois a idade é muito mais que números, documentos, ou qualquer outra medida quantitativa que se possa inventar. A idade se manifesta na interação com o meio para a composição de diferentes reações.

AMIGOS VIRTUAIS

Quantas porções de vezes já se ouviu no rádio ou na televisão que os adolescentes passam muito tempo na internet, que as crianças ficam horas e horas em frente ao computador? Que isso causa problemas de relacionamentos, de superação ou de resolução de conflitos? Que os sujeitos tornam-se altamente individualistas enquanto o respeito e a coletividade vão sendo atrofiados?

No entanto, quem escuta as conversas presenciais daqueles envolvidos ou hipnotizados pelas ferramentas tecnológicas para saber qual é a sensação que se manifesta dentro e fora das lentes, dos botões, dos cliques, dos cabos, das ondas...?

Eles parecem se conhecer de muito antes do antes, como se acreditassem em vidas passadas. Também se inventam reais ou potenciais. São humanos, sensíveis, inteligentes... ou são do jeito como gostariam de ser.

Riem, choram, choram de rir, perdem a paciência mas conseguem driblar com bom humor ou muito jogo de cintura. Tornam-se loucos quando há alguém ao lado escutando e percebendo seus sons.

Fora do transe, outros corpos se roem invejosos pois no espaço e tempo virtual, os sentimentos são compartilhados e não são eu, nem ossos. As emoções são sinceras e mesmo as fingidas acabam verdadeiras.

Entre cartas, bilhetes ou presentes, estão contidos o este e aquele. O imaginário às vezes transforma-se em concreto e maravilhoso fora da mente. Outras, continua na ilusão subjetiva e verdadeira em si mesma.

Os amigos de carne e osso, embora pertos e tocáveis, desconhecem ou não dão atenção aos detalhes que nos tornam tão diferentes. Seja por falta de tempo, seja por experiência, esta, que automatiza os movimentos e percepções numa sequência lógica insignificante ausente de pensamentos e reflexões.

Enquanto que os homens e mulheres – pequenos/grandes, fortes/fracos, felizes/tristes, longes/distantes se conhecem nos papos permitidos e acessíveis, para compartilhar suas experiências neste conglomerado de redes capazes de entender e transportar a um e a todos –, são ou tornar-se-ão os melhores amigos e amigas, mesmo os abraços sendo e acontecendo apenas num cantinho de nossas telas.

O QUE ESTOU FAZENDO AQUI?

Já não tenho dedos pra contar quantas vezes me senti assim: na dúvida, com um enorme ponto de interrogação latejando dentro do sei lá de mim.

Muitas manhãs e horas eu olhava para os rostinhos que tamanha dificuldade tinha para gravar seus nomes. Alguns, eu na verdade, nem enxergava... Era como, se apesar das lentes corretivas, meu astigmatismo insistisse em turvar a visão fazendo com que aqueles corpos parecessem mais fantasmas de televisão do que seres reais.

Nos cadernos, apenas alguns rabiscos, talvez setas apontando para lugar algum, quem sabe, o próprio nome assinado tantas vezes com formas e tamanhos nada iguais; também não podem faltar as estrelas, mesmo em dias ensolarados, registrando o brilho contido nos lábios da felicidade, ou muitos corações suspirados nos olhares dos apaixonados.

O que está acontecendo ali? No âmago de cada um deles?

Quantas vezes quis fugir daquela ingratidão. De não poder saber qual vai ser o resultado das tantas intenções. Do sentimento de que tudo é em vão.

Fatos aqui, piadas acolá... Tantos jeitos loucos e perigosos de falar. Entre um tema ou outro, uma pergunta ou uma resposta, uma crítica e mais outra, lá estava ela... Martelando... Incomodando... Inquietando... O que estou fazendo aqui?

Mesmo sem respostas, nos silêncios, nos sorrisos, os encontros marcaram seus pontos. E ao final, não há vencidos ou vencedores, mas conhecidos, por gestos ou sonhos, como simples e verdadeiros amigos.

Dedicado a aluna Tamara Jéssica Sawa, do Colégio Dr. Décio Dossi, 2007 para sempre.

EU SÓ QUERIA UM AMIGO...

Com o mundo virtual, ficou mais fácil aumentar o número de amigos, rever, ainda que através de fotos, algumas amizades antigas, do tempo de escola, do primeiro emprego e manter os atuais. Também é possível partilhar dos mesmos gostos e afinidades convivendo em grupos ou comunidades.

Alguns enviam muitas mensagens por email, outros no orkut enquanto uma porção bate um papo no msn. Têm os que se vêem todos os dias, trabalham juntos, mas conseguem passar uma hora pendurados no telefone. Os que nunca se encontraram pessoalmente, mas trocam idéias, cartões e até mesmo presentes.

Os verdadeiros amigos vivem uma relação de lealdade, respeito e afeição. Ou então, são capazes de colocar os interesses do outro como prioridade maior do que as vontades próprias.

Há desabafos e escutas, momentos compartilhados com ou sem a companhia do fiel amigo. Um confia no outro e a recíproca é no mínimo verdadeira.

Algumas amizades vão além das necessidades, dos defeitos, de dividir ou multiplicar os bons e maus momentos, abrindo caminho para paixões, alimentando invejas e ciúmes. Sempre vão ter aquelas que nascem de situações inusitadas, nas horas mais inesperadas, nos locais menos propícios ou com pessoas pertencentes a outros mundos, diferentes, extravagantes, cativantes ou simplesmente humildes.

Não se pode esquecer dos que vão confundir os sentimentos estragando ou perdendo um laço fraterno de amizade por malandragem ou ingenuidade.

Se ser de um jeito, ou gostar de outro pode soar quadrado, antiquado, do tempo do "êpa"... Se pensar diferente do que a maioria é loucura, e qualquer comportamento anormal é indicativo de doença...

Declaro-me louca, assumo e assino todas as consequências, mas não deixaria de levantar a bandeira em defesa de minhas crenças.

Tudo isso só porque eu queria um amigo... que não gostasse de mim.

A NATUREZA DO MEU TEMPO

Hoje acordei no madrugada da noite e, sentada numa ponta da cama, chorei... De saudade de um tempo que só torna a voltar nas lembranças que teimo em guardar.

Era feliz porque abraçava as árvores e ninguém considerava loucura. Degustava os trevos de três folhas e não pintava a pele de bolinhas vermelhas; tomava banho de chuva e não ficava doente. Andava sem sapatos na terra e criava resistência, deitava na grama e olhava o céu azul, sem me preocupar, pois até as formigas eram todas amigas.

Mas assim que levantar, vestir um traje normal, sociologicamente aceito, vou entrar no carro e nem reparar nas árvores... nas folhas que faltam, anunciando outra estação. E quando o fim de semana chegar, vou ter que limpar o jardim, para meu vizinho não me xingar. Mas, por quê? Tão lindo o tapete natural... A grama se enfeita toda vaidosa... Quem sou eu para lhe desfazer a formosura? O vento espalha para outros lados, criando uma uniformidade intencional. E quem é o velhinho da casa ao lado para contrariar?

Duas vezes por semana, meu filho coloca os saquinhos de lixo reciclável na calçada, e ainda nem sabe porquê nos outros dias ele não pode encostar nas sacolas. E que tamanha confusão deve ser na sua cabeça: "O lixo eu posso, a 'ca-ca-ca', não!" Poder sentar na grama portão a dentro, do outro lado, nem pensar, que logo tem alguém gritando um severo "NÃO!"

Como explicar e entender que a natureza daqui é diferente e mais limpa que a da pracinha da esquina?

Até que ponto as pessoas se acostumaram com os carrinheiros a escolher e a coletar seus montantes de produtos descartáveis reutilizáveis? Fica fácil aceitar a separação entre o miserável e os que podem mais. Como se toda relação no mundo dependesse de uma comparação capitalista.

Tantas mudanças no rumo dos seres vivos. A ganância consumindo em todos os sentidos, e o fim dos tempos, repetidamente pregados pelas várias religiões, parece mesmo estar muito próximo. Enquanto uns brigam por um número de convertidos, alguns se apossam do céu e os cansados se agarram em qualquer coisa para não merecer o pior. Os segredos nada secretos se revelam e tornam as individualidades ainda mais egoístas.

Terei tempo de levar meus netos ao zoológico, como meus avós fizeram comigo? Haverá árvores para que possam subir para pegar a bola, ou se pendurar na competição de quem agüenta mais tempo? Plantaremos sementes de alface, transplantaremos as mudas de repolho no quintal de casa, torcendo na expectativa de ver brotas as primeiras folhas?

Serão ainda quatro estações? Ou novas variações, como frio nas férias, chuva durante as aulas e sol na hora de dormir?

E as fazendas? Vai ser possível ter uma dentro de casa? Em miniatura, com bichinhos fabricados num país distante e vendidos nas barraquinhas de feira, por um valor no mínimo, simbólico?

Imagino, daqui a uns cinco anos, quando meu filho estiver na escola, e as professoras ensinarem que se deve proteger os animais em extinção, o meio ambiente, plantar árvores, economizar água, ele chegando em casa e perguntando: "Por que você nunca falou disso antes?" E enquanto eu procurar uma resposta, vou parar para contar quantas vezes eu mesma já escutei que não posso mudar o mundo, que um beija-flor apenas não apaga o incêndio... Provavelmente, ele vai concluir afirmando que "se cada um fizesse um pouquinho..."

Qual será o tamanho desse pouquinho?

Só por hoje, vou esquecer que tenho horário para trabalhar, que no início do mês chegam as contas pra pagar e que essas horas vão me ser descontadas. Secando as lágrimas, vou vestir uma roupa de exercício, um par de tênis confortável de caminhada, pegar a chave do carro, pendurar no chaveiro, acordar meu filho e levá-lo até o outro lado da rua, sentar na calçada. Ele pode até não entender nada nesse instante e vai encarar com um olhar estranho meus soluços ao chorar, mas veremos a lua enorme e redonda que ilumina o céu e esperaremos pelo próximo capítulo, onde o nascer do sol lança suas luzes entre as nuvens, dando outras cores e brilhos nas penas dos pássaros, na umidade das flores, no beiral da janela, no cadeado do portão.

QUEM SOU EU?

Já fui criança e desejei ser adulto logo, com o tempo, percebi que não se deve apressar ou pular etapas.

Já tive os nervos mais quentes do meu universo, explodindo tempestades em espaços pequenos, depois de muito tempo, aprendi que era preciso muito mais do que desejar que a paciência fosse um presente de Natal.

Já fui perfeccionista, mas aprendi com as porradas da vida, com os colegas de trabalho e grandes amigos, que a vida é uma só e a perfeição não existe em seres mortais.

Já briguei com Deus e uma parte do mundo. Mas percebi que eu sempre acabava sozinha quando mais precisava de alguém por perto.

Já apanhei dos pais, dos colegas na escola e depois de casada e os odiei por isso, mas senti que cada tapa me transformou numa pessoa melhor.

Já chorei de raiva, de tédio, por amor, por dor e de tanto rir, mas as melhores lágrimas que derramei na vida, pertenceram ao meu filho.

Já fiz loucuras em nome de um grande amor e quase perdi o verdadeiro amor da minha vida: o amor próprio.

Já morei em tanta casa tentando encontrar felicidade, até descobrir que ela morava na única casa que não dei atenção: dentro de mim.

Já falei palavras rudes às pessoas que gostava, era muito maior a dor que vinha depois: arrependimento.

Já brinquei na chuva e me compararam a um animal, durante muito tempo me incomodou a barra da calça molhada, enfim, decidi ser mais do que as opiniões dos outros.

Já tive sonhos e realizá-los nem sempre foram as melhores conquistas da minha vida e, finalmente, a jornada passou a fazer mais sentido.

Não é preciso viver muito para saber o tamanho do passado, nem viver pouco para sentir que o futuro não é algo próximo. Só o fato de que o olhar jamais será o mesmo...

Quando me perguntam quem sou... Sei mais quem já fui e as mudanças de caminhos.

Então, percebo que o tempo todo algo está acontecendo. E, portanto, sinto que estou agora, sendo apenas este momento.

ESPAÇOS VAZIOS

Folhas em branco,
lápis marcado pelos dentes.
Sofre antes e muito antes
perde o sono e entristece.

Num canto da sala
bebe as lágrimas
pensando nas horas solitárias
de incessantes tique-taques.

Os olhos da madrugada
mais abertos, menos turvos
embriagados após tantas taças
já não choram percebendo outros porquês.

De silêncio e de sons,
com vontade de fortes intenções,
de apenas um,
preenchem-se os espaços sem cor.

Na ansiedade da mente,
na covardia humilde,
na tempestade dos sentidos...
O vazio torna o agora imperfeito e completo.

DE MENOS, DE MAIS

Onde será que estamos errando?

O primeiro emprego é sempre inesquecível. Seja pela idade, pelo salário mínimo que nem se compara com o de agora, ou pela presença marcante do patrão, pelos tombos e tropeços e também por experimentar uma vivência marcante no tocante ao profissional, competitivo, coletivo, individual e mesmo divertido do trabalho.

Muitos são os incentivos e as cobranças em relação aos estudos. E conforme a vocação, a vontade, do sujeito ou dos pais, a vida se inclina para diferentes trajetórias e outros grupos começam a se unir em nome de alguns pares de objetivos.

Nem todos nós podemos ter o luxo de poder estudar e aproveitar a vida... Então, a necessidade encaminha um currículo a um incalculável número de vagas... Porque nem todos nós gravamos ou nos prendemos a tantas informações. Lembramos apenas quando o telefone toca marcando dia e horários para entrevista.

Parece que foi ontem, mas tem mais de anos, a entrevistadora perguntava por que eu estaria pleiteando aquela vaga. O fato de ter faculdade era capacidade intelectual demais para uma prática tão simplória. Em outra entrevista, o conhecimento era importante e considerado a altura para a função, mas mais do que isso, no mínimo cinco anos de experiência.

Tem aquelas que depois que se sai delas, se fica esperando o prazo máximo do contato e então ter a certeza de que não foi selecionado. Ou, passados alguns meses, até mesmo anos, o celular toca, quando menos se espera e do outro lado uma voz pergunta se você já está trabalhando, porque agora você será contratado... Puxa, agora que já tem emprego e já havia esquecido daquela vaga... puf... ela é sua. Pacientemente só resta responder um simples “Querida. Obrigada, mas não tenho mais interesse.” Querida mesmo, porque noventa e nove por cento das vezes, quem liga é uma mulher.

Agora, um pedacinho do futuro... Que se fosse apresentado antes, restaria mais uma pergunta cruel: “E agora? O que é que eu

devo fazer?” Mas isso não é importante, porque precisamos descobrir onde estamos errando...

Bom, o dia de amanhã nos reserva novas oportunidades... A formação continua... Ganha-se em números de anos de experiência, teses daqui, artigos dali, quem sabe uma capa de revista, umas linhas de entrevista no jornal ou uns minutos no microfone de uma rádio, um ou mais livros vivos ou nascendo, conhecimento em informática sempre atualizado... Não é nenhum hacker, mas vive baixando programas pra reparar seus velhos cds e deixar suas músicas favoritas em mp3 pra poder colocá-las no bolso por onde for... Já descobriu que seu pendrive de dois gigas já está ultrapassado e o de oito cujo preço já foi pesquisado, também já era, atual mesmo e ainda caro, é o de trinta e dois. Então, considerando-se altamente qualificado para buscar uma vaga com um salário melhor que o seu do mês passado, também já não fica mais nervoso ou ansioso, pois tem domínio de todos os itens descritos no anúncio, fala bem, escreve melhor ainda e mantém qualquer computador sob controle. Não vai deixar de ouvir a pertuntinha básica: “Por que você acha que merece essa vaga?” Ao final, dos, no máximo, trinta minutos, a resposta virá na semana seguinte. O jeito é aguardar, sem compromisso, afinal, não é caso de morte... Não tem ninguém passando fome...

Na semana seguinte, o celular toca, é de lá... Você tem certeza, porque se deu ao trabalho de gravar o número no seu chip. “Obrigada, querida. Tudo bem.” Mais uma vez, você foi dispensado porque é qualificado demais. Ontem era de menos. Menos experiência, menos tempo, menos idade, menos salário. Hoje, é de mais o quê mesmo?

MELHOR AMIGO

Quanto segredos existem no corpo de uma mulher?

No chuveiro, aguardo ansioso enquanto Ela se olha no espelho e vai tirando o calçado, e despindo todo o corpo. Dois, três passos depois, ela ajusta a temperatura da água, e as primeiras gotas fazem sua pele brilhar.

Agora seu corpo suado junta-se ao meu, liso e duro, trocamos toques e essências. Então acaricio seus pés, suas pernas, massageio seus ombros, e ela me faz deslizar pelos seios, cintura e aquelas curvas... Ah! Aquelas curvas, macias... Me fazem derreter.

Seus pêlos e cabelos enroscam-se e parecem impregnar em mim, mesmo contra minha vontade. Mas guardo como lembrança para, no próximo encontro, ela arrancá-los com as unhas enquanto estou lá, firme, esperando por ela, para nosso momento a três: eu, ela e a água que purifica nossos corpos.

A cada encontro, ela fica com uma parte minha em suas fibras e leva consigo minha sentença de morte. Pois tenho consciência de que em algum momento não serei apenas descartado, mas haverá outro em meu lugar.

Que segredo é esse que me faz aceitar sem nada dizer? E que ao contrário, me faz forte quando estou só e sensível quando estou com Ela a ponto de tocar-lhe todos os poros com tamanha delicadeza?

Ah, se os sabonetes falassem...

DEPOIS DO BANHO

Depois que a Mulher toma um banho relaxante e aromatizado, ela fica em frente ao espelho enrolada na toalha, que propositadamente cai ao chão.

Enquanto repara se as curvas aumentaram e as ondas diminuíram, toda formosa, sente atrás dela a presença de uma coisa redonda, dura, e através do espelho, vê sua pele branca levemente avermelhada.

Aperta aqui, aperta de lá e aquela coisinha está cada vez maior, parece que a qualquer momento pode explodir.

E bum. Explode mesmo.

Há líquido em seu corpo, no espelho e no chão.

Depois de tantos torces e retorces, fica na musculatura a dor ingrata das posições contrariando a normalidade.

Mas também, quem foi que inventou a espinha nas costas?

ONDE FOI QUE EU DEIXEI?

Será que mesmo a pessoa mais organizada e perfeccionista já esqueceu onde colocou um determinado item bem no exato momento em que mais precisa dele?

Quem sente na pele o susto de perder um documento ou objeto justamente na hora da necessidade sabe o quanto é desesperador.

Com certeza, já deixaram de fazer compras porque não estavam com o documento de identidade. Sentiram o rosto quente de vergonha ao procurar as moedinhas que desapareceram de dentro da bolsa na hora de pagar as compras no supermercado...

E o pior de todas as situações constrangedoras, é chegar em casa, e encontrar a identidade e aquelas moedas, bem ali, dentro da carteira.

Mas como? Se na hora do apuro foi olhado por tudo? O desespero abre espaço para uma raiva, que dias depois se torna motivo de risos e piadas.

Quantos ouviram nesses trágicos instantes, que aquilo que se procura, uma hora se acha? Ou que estará no último lugar onde se irá procurar? Então, como é que se faz para procurar de trás pra frente?

Eu queria saber onde foi que deixei meus óculos.

Olhei em cada canto, em cada cômodo da casa. Inclusive, procurei nos lugares mais absurdos possíveis, onde jamais o teria deixado. Enfim, por desincargo da consciência e para confirmar que não ficou nenhum espaço sem ser revirado, já procurei embaixo da cama, no lixo da cozinha, dentro da pia do banheiro, no porta malas do carro... Isso que se trata de lentes corretivas e de um grau que quando experimentado por outras pessoas, pensam e acreditam que não enxergo quase, absolutamente nada.

Por fim, quando levei as mãos ao rosto para começar a chorar, no único lugar onde não pensei que poderia estar... estava ele, bem na frente dos olhos, em cima do nariz e pendurado nas orelhas.

EU SÓ QUERIA UM AMIGO...

Com o mundo virtual, ficou mais fácil aumentar o número de amigos, rever, ainda que através de fotos, algumas amizades antigas, do tempo de escola, do primeiro emprego e manter os atuais. Também é possível partilhar dos mesmos gostos e afinidades convivendo em grupos ou comunidades.

Alguns enviam muitas mensagens por email, outros no orkut enquanto uma porção bate um papo no msn. Têm os que se vêem todos os dias, trabalham juntos, mas conseguem passar uma hora pendurados no telefone. Os que nunca se encontraram pessoalmente, mas trocam idéias, cartões e até mesmo presentes.

Os verdadeiros amigos vivem uma relação de lealdade, respeito e afeição. Ou então, são capazes de colocar os interesses do outro como prioridade maior do que as vontades próprias.

Há desabafos e escutas, momentos compartilhados com ou sem a companhia do fiel amigo. Um confia no outro e a recíproca é no mínimo verdadeira.

Algumas amizades vão além das necessidades, dos defeitos, de dividir ou multiplicar os bons e maus momentos, abrindo caminho para paixões, alimentando invejas e ciúmes. Sempre vão ter aquelas que nascem de situações inusitadas, nas horas mais inesperadas, nos locais menos propícios ou com pessoas pertencentes a outros mundos, diferentes, extravagantes, cativantes ou simplesmente humildes.

Não se pode esquecer dos que vão confundir os sentimentos estragando ou perdendo um laço fraterno de amizade por malandragem ou ingenuidade.

Se ser de um jeito, ou gostar de outro pode soar quadrado, antiquado, do tempo do "êpa"... Se pensar diferente do que a maioria é loucura, e qualquer comportamento anormal é indicativo de doença...

Declaro-me louca, assumo e assino todas as conseqüências, mas não deixaria de levantar a bandeira em defesa de minhas crenças.

Tudo isso só porque eu queria um amigo... que não gostasse de mim.

O QUE ESTOU FAZENDO AQUI?

Já não tenho dedos pra contar quantas vezes me senti assim: na dúvida, com um enorme ponto de interrogação latejando dentro do sei lá de mim.

Muitas manhãs e horas eu olhava para os rostinhos que tamanha dificuldade tinha para gravar seus nomes. Alguns, eu na verdade, nem enxergava... Era como, se apesar das lentes corretivas, meu astigmatismo insistisse em turvar a visão fazendo com que aqueles corpos parecessem mais fantasmas de televisão do que seres reais.

Nos cadernos, apenas alguns rabiscos, talvez setas apontando para lugar algum, quem sabe, o próprio nome assinado tantas vezes com formas e tamanhos nada iguais; também não podem faltar as estrelas, mesmo em dias ensolarados, registrando o brilho contido nos lábios da felicidade, ou muitos corações suspirados nos olhares dos apaixonados.

O que está acontecendo ali? No âmago de cada um deles?

Quantas vezes quis fugir daquela ingratidão. De não poder saber qual vai ser o resultado das tantas intenções. Do sentimento de que tudo é em vão.

Fatos aqui, piadas acolá... Tantos jeitos loucos e perigosos de falar. Entre um tema ou outro, uma pergunta ou uma resposta, uma crítica e mais outra, lá estava ela... Martelando... Incomodando... Inquietando... O que estou fazendo aqui?

Mesmo sem respostas, nos silêncios, nos sorrisos, os encontros marcaram seus pontos. E ao final, não há vencidos ou vencedores, mas conhecidos, por gestos ou sonhos, como simples e verdadeiros amigos.

Dedicado a aluna Tamara Jéssica Sawa, do Colégio Dr.
Décio Dossi, 2007 para sempre.

MAIS QUE ANTES

Os olhos sentem o perecer da pele,
os ossos doem enquanto o corpo cresce.

A mente avança insistente
entre voltas e começos.

Somos menos que amanhã!

A boca grita e cala,
contraditória em si e em outros.
Os dedos contam e marcam
adereços e monumentos.

Somos os mesmos, agora!

Enquanto o tempo vive,
os dentes rangem e sorriem viajantes
no silencioso preto e branco,
no colorida da solidão.

Somos tanto quanto ontem!

Perdidos e nascidos,
morridos e vencidos.
Amando, chorando e inventando
um eu que apenas restou.

Somos mais dúvidas que ações!

Ao restar e aceitar,
entre as pontes da essência,
ter não basta
e existir é mais ou menos que ser.

Somos um todo mais que antes!

AS FLORES DO AMIGO OCULTO

São exatamente 20 horas e 40 minutos do dia 12 do último mês do ano de 2007. O celular vibra, mas estou impossibilitada de atendê-lo, pois subia as escadas do prédio onde moram meus pais com as compras do supermercado. Dentro do apartamento, largo as sacolas no balcão da cozinha e rapidamente reviro o bolso, pego o celular e lá está, uma chamada perdida. Era da casa da minha irmã. Pego o telefone e retorno a ligação.

- Oi, florzinha, você me ligou? (Que pergunta mais irônica, mas...)

- Oi, tudo bem. Por um acaso, você está participando de um amigo secreto?

- Tô sim!

- E nem pra me avisar, né?

- Chegou uma caixinha pra mim?

- Sabia que eu quase perdi o namorado por causa disso?

- Nossa, mas não tem o meu nome aí na caixa ou envelope?

- É um buquê de flores...

- Flores? Como assim, flores?

A essas alturas eu não estava entendendo mais nada. Então ela leu o cartão que acompanhava o buquê e eu respondi que iria buscar naquele instante.

Foi a família inteira: meu pai, minha mãe, o meu filhinho e eu. Que emoção: flores. Quanto tempo que não recebia flores. Então meu amigo oculto só poderia ser homem. Mas então, o que ele teria ido fazer no ginecologista? Meu pai, sem entender muita coisa, foi fazendo perguntas pelo caminho e expliquei toda a história do amigo secreto. E que de acordo com o que estava escrito no bilhete, era um meio de colorir a espera pelo presentinho. Por fim, foi mais do que isso, deixou perfumado, encantado, divertido e emocionante.

Chegando lá, na casa da minha irmãzinha querida, foram dadas todas as explicações possíveis. Intrigante, porque eu iria enviar hoje mesmo um email, avisando que dei o endereço dela para receber o presente, afinal, como meus pais estavam vendendo

o apartamento deles, era o único endereço que eu tinha certeza, teria alguém na hora de receber, porque lá tem portaria 24 horas. E como eu tenho casa só pra dormir...

Agora vocês devem estar se perguntando, como ela quase perdeu o namorado? Pois bem. Os dois chegaram uns minutos antes daquela ligação, passaram pelo porteiro, viram o buquê, foram cumprimentados pelo primeiro, entraram no elevador, catorze andares depois, o interfone toca: “Oi. Tem umas flores pra você.” O namorado pergunta quem era e ela responde: “Sabe aquelas flores? São pra mim.”

Nem tive coragem de perguntar o que foi que ele disse depois disso.

Ela desceu, leu o cartão, subiu, mostrou para o meu cunhado e então o resto eu já contei...

AMIGOS VIRTUAIS

Quantas porções de vezes já se ouviu no rádio ou na televisão que os adolescentes passam muito tempo na internet, que as crianças ficam horas e horas em frente ao computador? Que isso causa problemas de relacionamentos, de superação ou de resolução de conflitos? Que os sujeitos tornam-se altamente individualistas enquanto o respeito e a coletividade vão sendo atrofiados?

No entanto, quem escuta as conversas presenciais daqueles envolvidos ou hipnotizados pelas ferramentas tecnológicas para saber qual é a sensação que se manifesta dentro e fora das lentes, dos botões, dos cliques, dos cabos, das ondas...?

Eles parecem se conhecer de muito antes do antes, como se acreditassem em vidas passadas. Também se inventam reais ou potenciais. São humanos, sensíveis, inteligentes... ou são do jeito como gostariam de ser.

Riem, choram, choram de rir, perdem a paciência mas conseguem driblar com bom humor ou muito jogo de cintura. Tornam-se loucos quando há alguém ao lado escutando e percebendo seus sons.

Fora do transe, outros corpos se roem invejosos, pois no espaço e tempo virtual, os sentimentos são compartilhados e não são eu, nem ossos. As emoções são sinceras e mesmo as fingidas acabam verdadeiras.

Entre cartas, bilhetes ou presentes, estão contidos o este e aquele. O imaginário às vezes transforma-se em concreto e maravilhoso fora da mente. Outras, continua na ilusão subjetiva e verdadeira em si mesma.

Os amigos de carne e osso, embora pertos e tocáveis, desconhecem ou não dão atenção aos detalhes que nos tornam tão diferentes. Seja por falta de tempo, seja por experiência, esta, que automatiza os movimentos e percepções numa sequência lógica insignificante ausente de pensamentos e reflexões.

Enquanto que os homens e mulheres – pequenos/grandes, fortes/fracos, felizes/tristes, longes/distantes se conhecem nos papos permitidos e acessíveis, para compartilhar suas experiências neste conglomerado de redes capazes de inteligar e transportar a um e a todos –, são ou tornar-se-ão os melhores amigos e amigas, mesmo os abraços sendo e acontecendo apenas num cantinho de nossas telas.

DE ONDE VÊM OS LIMITES?

Tem pessoas que dizem pouco, mas nos fazem refletir muito.

Quem já não se deparou com uma situação constrangedora, ao descobrir que uma determinada pessoa, aparentemente normal, tinha um "problema"? Uma "diferença"?

Mas têm algumas, que não dá pra perceber, porque elas não são visíveis a olho nu.

No entanto, há muitas onde suas marcas parecem incomodar os menos instruídos e mais preconceituosos.

Suas limitações físicas chamam a atenção, causam espanto, ou mesmo motivo para chacota.

Muitas pessoas desviam, fazem comentários em tons de burburinhos ou preferem fazer de conta que nada vêem. E me parecem sortudos aqueles que não podem ver.

Há quem prefira acreditar na simplicidade absurda de que as dificuldades dessas diferenças, são maiores que as suas para se agarrar na mediocridade ingênua da superação da dor.

São essas pequenas diferenças, abrindo caminho para grandes conquistas que nos devem fazer repensar quais são os verdadeiros limites... Se eles estão dentro ou fora de nós? E a quem de fato pertencem?

Os limites estão num corpo sem movimento? Nos membros que atrofiam contra a própria vontade? Na visão que se perde ou que nunca se teve? Em não poder estender a mão, ou responder com um simples olhar?

Talvez, a maior deficiência esteja no rótulo do preconceito... onde isto ou aquilo me diferencia dos outros. Onde a ânsia de ser melhor, nos corrompe e alimenta um ego rei.

Não existe pessoa no mundo, que não tenha uma limitação. Disfarçada ou traduzida em medos e receios.

De onde vêm os limites? Do ontem, do agora de todos os lados.

Depende exclusivamente de si mesmo, romper os padrões, escolher um caminho para ir além das pegadas.

Reconhecer que entre o limite e o ser, basta um passo a frente.

QUANDO ELES PERCEBEM

Não sei porque as mulheres têm tantas roupas, botas, sapatos, sandálias, saltos e mais saltos. Eles não reparam em quase nada disso. Talvez porque não tenham onde guardar o dinheiro, ou para diminuir a depressão, porque a amiga da amiga da irmã da namorada do irmão tem umas peças parecidas, ou simplesmente, para gostar da outra que fica do outro lado do espelho.

Ah, se Elas pudessem dar uma espiadinha no que se passa nas mentes dEles...

Veriam que Eles não percebem que sua nova bota é bico fino e tem um palmo de salto chegando o couro brilhosíssimo a esconder seus joelhos... Eles perceberiam que o seu bumbum fica mais empinado se junto com as botas, Elas usassem uma mini saia...

Chorariam se descobrissem eu para Eles, Elas ficam ou não gordas naquele vestidinho novo, porque tanto faz, Eles conseguem vê-las sem ele...

Pode ser também, que gritassem ao ler em suas mentes, que as rosas dadas, serão cobradas com juros e correções em horas e dias de sexo sem preliminares...

E como diriam umas às outras sobre as reações ao ler que seu amado, para quem tanto se produziu e perfumou, se questionava o que teria acontecido durante o dia para deixá-la tão animada ao ponto dEla tomar a iniciativa do ato sexual?

Quanto Elas enlouqueceriam se ao contar para o parceiro que o ponteiro da balança marca uns quilinhos a menos, Eles respondessem que não precisam se preocupar, porque na hora do amor, imaginam-se com verdadeiras atrizes do cinema?

“Essa cantada está fora de moda.”

“Será que você poderia prestar atenção no que estou falando?”

“Eu estava falando da vizinha...”

“Você ouviu o que eu disse?”

“Que cara mais sem graça...”

Isso é o que elas costumam dizer quando eles percebem...

CABELOS REBELDES

Tinha o cabelo na altura dos pulmões e na largura dos ombros, mas Ela estava cansada daquilo que via todos os dias no espelho logo após acordar, enquanto escovava os dentes e nas vitrines das lojas.

Seus volumosos cachos pareciam viver uma adolescente rebeldia até o fim do seu último dia. No entanto, no intervalo de uma novela para outra, as propagandas apontam soluções de beleza com várias artistas de suas cenas românticas favoritas.

Ainda é segunda, e na terça Ela vai trabalhar, de trança no couro cabeludo para a armação evitar. Porém, alguns muitos fios, "Ah, malditos fios!", insistem em arrepiar. No sábado Ela promete arrumar. Sai às compras e xampu novo Ela vai usar.

Usou uma vez e não funcionou. Dois potes de condicionador modelador e nada. Cinco marcas de antifriz e o cabelo duplicou.

Não tinha mais vontade de trabalhar, era difícil sair da cama, já nem escovava mais os dentes.

Foi numa sexta-feira, que pronta para uma festa, sua vizinha com seus macios, sedosos e brilhantes cachinhos... ôpa, onde foram parar os ca...? Lisinhos... Foi no mesmo instante perguntar.

- Amiga, comprei uma chapinha. Não é um milagre? Juba de leão, nunca mais.

- Mas disseram que a chapinha deixa a mulher careca...

- Que careca, que nada. Quando ficar sem cabelo, já vou estar de perna bamba mesmo, mas nada tão trágico que uma peruca não resolva.

No dia seguinte, shopping, sem grana no bolso e chapinha na mão.

Fez chapa no cabelo e se sentiu mais nova. Estava tão empolgada que saiu do emprego e começou a trabalhar em casa. Fez chapinha no cabelo de todas as mulheres da rua, da família...

Certo dia, o marido chega em casa acompanhado da mãe. A esposa, balançando seus longos cabelos, se oferece para alisar o da sogra.

Os fios que antes terminavam no pescoço, agora alcançam a cintura. A língua, também ficou lisinha, mas menor.

SERÃO ELES JOVENS

Enquanto as rugas marcam
rasgando os traços de uma pele envelhecida,
a mente luta para continuar desperta
quando as mãos começam a ficar estremecidas.

Falam dos tempos antigos,
resmungam dos tempos de agora
e prevêem os futuros sem cartas ou palmas.
Suas roupas têm vestígios de guerra,
seus cabelos poucos já não tem mais cor.
Entre as fotos, bulas, recordações,
dos pequenos, dos novos e de si mesmos,
à espera do momento de partir,
não sabendo se têm medo de ir,
preocupação com os que vão ficar,
ou quantos mais ainda irão velar.
Foram eles jovens?

Na disputa contra o relógio,
manhãs e noites sem dormir.
Tão cheios de sonhos e objetivos a cumprir,
não têm tempo para os filhos,
mas na agenda sempre tem espaços de beleza,
horas de programações para tantos sins.
Impacientes e dedicados,
dão o próprio sangue por migalhas no período do fim.
Descontam as perdas em novos vícios,
esquecem as datas importantes,
e nunca perdem os fatos relevantes.
Futuro próximo, futuro futuro,
não importa o si, nem os seus.
O tempo não cessa
mas uma parada
torna-se obrigatória em algum instante.
Perde-se tudo, quase todos.
Deixaram eles de ser jovens?

Questionamentos, idades, amizades,

hormônios, corpos, mentes,
dúvidas, sentidos, sentimentos
e algum vazio.

Tudo parece tão rápido,
precisa sê-lo
ou é atropelado.

Transformam-se os vínculos,
rebelam-se contra um infinito de impossibilidades.
São solitários, embora às vezes, repetitivos,
cativantes, inocentes ou delinqüentes.

Nada serve,
tudo é injusto
e morrer não faz falta.
Sonham, desejam e apanham.
São mesmo jovens?

A pele estica, os ossos crescem,
os olhos brilham, os sorrisos conquistam,
os risos contagiam.
Têm uma atenção e memória incalculáveis,
e os pensamentos são tão ocultos
quanto os mistérios de sua formação.
Tudo é novo, são incontáveis as descobertas,
impressionam e chantageiam
ao mesmo tempo em que choram fazendo chorar.
São leves na alma, pesados no bolso,
e incríveis nos braços.
Mesmo as lágrimas mais falsas
têm seus sujeitos e verbos,
substantivos ou predicados.
Suas primeiras linhas
contornam um imaginário indiscutível,
enquanto que as cores bordam múltiplas estampas.
Entre arte e fantasia,
toda uma eternidade para desvendar.
Serão eles jovens.

O LUGAR DA IDÉIA

Tique-taque. Tique-taque. Explode o relógio na hora marcada. Durante uma disritmia cardíaca, o movimento quase involuntário dos braços, desliga o despertador.

O cérebro ainda tonto de sono envia os primeiros comandos para o corpo: mais dez minutinhos.

Estica os braços, espreguiçando-se pacientemente. À beira da cama, senta e calça os chinelos. Oito passos até o banheiro, a tampa do vaso já levantada... tororó, tororó, tororó. É a sinfonia dos líquidos logo pela manhã. Os últimos pingos e a descarga levou tudo aquilo que ao corpo não servia.

Dentes, pasta, escova. Não necessariamente nessa ordem.

Água no rosto para retirar as secreções, que secas, não deixaram os olhos abrirem totalmente.

Há algo estranho. Sua barriga.

Havia crescido de forma inesperada.

Pegou o paletó, vestiu-o, mas era impossível abotoar a camisa. Não poderia chegar desalinhado no trabalho. Telefonou para a secretária e avisou que estava doente. Ninguém iria acreditar que engordara uns quilinhos a mais com o jantar de noivado. E o que diria à noiva, que, com certeza já estava a caminho de casa para dar-lhe a carona diária ao serviço.

Trancou-se no banheiro e fingiu uma tremenda cólica intestinal. Assim que escutou a noiva bater à porta, sentiu um movimento estranho logo abaixo da costela.

Abriu a porta numa pressa feijão com ovo e salada de repolho e, sete passos o levaram até a lista telefônica. Folheava as páginas amarelas sem piscar, sem saber direito o que procurava.

“Onde as mulheres costumam ir quando estão com problemas?” – pensou.

De repente, encontrou o anúncio que precisava.

Ligou, marcou consulta de emergência, chamou um táxi, saiu pela porta dos fundos e esperou duas quadras de casa.

O ginecologista examina, tira as medidas, pede uma ecografia e pergunta se o plano tem cobertura para realizar uma

cesárea. Pega o ultrassom e ouvem um ‘tuntum, tuntum, tuntum, tuntum’.

Na sala de espera, procura revistas para esconder a saliência de possíveis observadores. Na ecografia, optou por não gravar nada. Outra vez, ‘tuntum, tuntum, tuntum’. Com os olhos turvados pelas lágrimas, apreensivo, consegue ver no monitor que há uma lâmpada sendo gerada em seu abdômen. Com dois bracinhos, duas mãozinhas, duas perninhas, dois pezinhos, vinte dedinhos. Tem dois olhos, narizinho, boquinha, todos os órgãos, mas tem um defeito: falta-lhe o fusível.

A cirurgia durou menos de cinco minutos, e o atestado de óbito lhe garantia três dias de afastamento, mais sete dias para a retina dos pontos, e, vinte dias de tratamento psicológico, somando trinta dias de férias obrigatórias.

Tique-taque, tique-taque. Explode o relógio na hora marcada. Com o toque de um dedo, o despertador é reprogramado para despertar após vinte e quatro horas. Melhor levantar e chegar mais cedo no local de trabalho do que voltar a dormir mais dez minutinhos.

O IRMÃO MAIS VELHO

Adultos têm uma mania engraçada de ficarem recordando a infância, as sapequices do tempo de escola, as revoltas da juventude, a mocidade do primeiro emprego e as várias dificuldades da vida que os faz cansar antes mesmo da velhice chegar.

Só lembro esses detalhes, quando alguém reclama das possibilidades frustradas, da saudade dos brinquedos e da vontade de tornar-se novamente pequeno.

Particularmente, prefiro ficar com as imagens dos homens que passaram pelas manhãs e tantos outros tempos de minha expressão feminina obrigatória. Pois, que, nasci nesse corpo e apesar do esforço, não tenho em mente o momento dessa escolha, às vezes pensando que o livre arbítrio passou a existir sei lá quantos depois de mim.

As figuras masculinas são as mais marcantes. Tudo começou com meu pai. Que me fez sentir medo de pedir colo. Depois meus tios, que eram muito extrovertidos e brincalhões.

Tinha também, o filho da vizinha. Como eu adorava trocar a companhia das bonecas e da minha irmã pelos carrinhos e tantas outras bugigangas de menino que ele ganhava dos pais. E quando restava obedecer a ordem da mãe de brincar com a mais nova da família, as bonecas não tinham casa, não tinham onde dormir, nem banheiro, ou guarda-roupas, mas tudo se transformava em escola, banco, ou qualquer coisa que os blocos de papéis, as cartas do baralho e as fichas da roleta pudessem ser aproveitados. Nesses instantes, batia aquela consciência, de que algo estava errado. Tinha praticamente certeza de que era tudo neurose, dela.

Então, vieram os tempos de escola e eu odiava os meninos. Porque eles colocavam apelidos. Me xingavam sem ao menos me conhecer. Já que não podia deixar de usar óculos, eu fechava a mão direita e com toda minha força, eu lhes socava os ossos, parando quando... quando algo dizia que devia parar. Esses foram os primeiros anos. Quantas broncas levei até entender que não devia prestar atenção. Mas quando fere o ego, o impulso fala mais alto.

Nos anos seguintes, que raiva eu tinha das meninas. Faziam tanta fofoca e deixavam de ser amigas por coisas bobas. Inclusive, fui intimada por uma, no pátio da escola, sem saber o motivo.

Eram tão vazias, tão metidas e exibidas... Divertido mesmo, eram os meninos. Eram como os irmãos que sempre quis ter, mas meu pai não deu sorte em fazer.

Claro que eles não tinham essa noção, porque era tudo fruto da minha imaginação. Tudo bem que alguns chegaram a ser mais do que isso nos contos de fada que fazem morada num canto do coração. Mas eles nunca ficaram sabendo.

Sem esquecer os rapazes e homens que com intenção ou não, transformaram minha inocência em um espaço incolor. Dos colegas de trabalho, certos ou imperfeitos, que me fizeram aceitar que não é sem razão o fato de eu ter nascido mulher. De tantas outras fontes mais ou menos machistas que me colocaram espinhos nos olhos e me fizeram ver apesar de tudo que me pudesse turvar o olhar.

Coincidência, ou não. Destino ou superstição. Segredo ou razão. Pedido, ou não. Todas as recordações, todas as mudanças, aprendizados ou emoções, remetem a homens mais velhos. Me fazendo refletir sobre o papel de um irmão mais velho. Em quantas pessoas eu o encontrei e continuo encontrando. Só recebem nomes diferentes. Marido, namorado, colega, amigo. No fim das contas, foram e são todos, cada qual com sua parcela de culpa e contribuição, o irmão mais velho que nunca tive, por parte de pai e mãe.

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Lembro que entrei na sala, alguns alunos já me conheciam do ano anterior, mas havia muitos rostos novos.

A apresentação do primeiro dia de aula implica nas regras básicas de convivência, nos tratados gerais para o bom andamento dos trabalhos, nas portas que se abrem e fecham para todas as demais situações.

E não tem como deixar de notar aquele corpo voltado para outra direção, diferenciando-se do restante da multidão.

Ao ser coagida a corrigir a postura, só movia o piscar dos olhos.

Num novo e mais severo destaque pela contrariedade, nada além do piscar.

Quando finalmente me aproximei repetindo que deveria virar as pernas e o corpo todo para onde fica o quadro, os alunos me repreendem dizendo: "Ela é surda, 'profe'."

"Puxa. E porque ninguém me falou isso antes?" Perguntei a eles, perguntei a mim mesma e depois choraminguei com os colegas de trabalho.

Perguntei em sinais, se ela sabia falar em libras. Negativo.

Tão raro ter alunos surdos nas escolas, mais raro ainda, é o professor dominar a linguagem brasileira de sinais. Tinha feito um curso cerca de quatro a cinco anos antes. E sem a prática do dia-a-dia, muita coisa se esquece. Ainda assim, tentei timidamente uma comunicação, em vão.

Saí da sala frustrada, pois ela não entendeu absolutamente nada e ainda demonstrou com caretas que não gostou de mim. Não era da minha aula que ela não tinha gostado, era de mim.

Cheguei em casa e selecionei um material com textos e desenhos, relacionado com o tema da aula seguinte, olhava as respostas dos alunos no questionário do primeiro dia... e descobri que não sabia o que ia fazer em relação a ela.

Em uma aula ela estava tão ou mais frustrada do que eu, porque eu não entendi suas falas e ela não entendeu as minhas.

O que fazer?

Já que ela não sabia ler lábios, nem libras, sua comunicação era falha e incompleta, tanto na escrita quanto na oral... O que fazer? Como fazer? E mais, como fazer fazendo sentido?

Cada aula eu aprendia mais do que ensinava, muitas outras dificuldades foram encontradas, porém, sua participação para e na minha formação profissional continuada tem sido importante mesmo estando longe da sala de aula.

Talvez, todo professor passe por determinadas situações, que ao longo do tempo tornam-se motivo de risos, mas que na hora, a fúria lhe transborda a pele, explodindo aos cantos e tamancos.

Embora os nervos lhe aflorem a angústia, também lhe abrem a mente para novas possibilidades de ações e reações. E a busca por respostas passa a ser solução.

NEM TUDO É O QUE PARECE

Lá está o buraco, com aqueles pêlos a sua volta...

Quando está molhado, não há pano que possa esconder, quando seco, uma sensação incômoda começa a aparecer.

A solução nem sempre pode ser instantânea porque depende da participação de um outro sujeito, assim como a questão do ambiente, nem todos os locais são apropriados, embora, muitas pessoas não conheçam limites para suas ousadias.

Entre três paredes e uma porta, sob a água quente que cai do chuveiro, estão próximos da impossibilidade de se conterem. E não há mesmo como controlar o corpo duro em direção àquela concavidade natural cuja abertura encaminha a uma escura, úmida e suavizante provocação interna.

Dentro, um movimento e outro... Um entra e sai, tentando chegar ao fundo; entra e sai, para tentar a melhor posição; entra e sai para aliviar a inquietação. Entrando e saindo, a intenção é tocar todos os espaços macios e sem qualquer censura, sozinhos, liberar as substâncias mucosas.

Há quem não agüente esperar e faz no carro mesmo, durante a preparação do jantar, assistindo televisão, enquanto as crianças brincam, na sala do escritório, na cobertura do prédio, na praia, no balanço da rede, no aconchego do sofá, antes de comer a sobremesa, mas não existe no mundo, (salvo as exceções...), alguém que não coloque um dedinho no nariz.

SAUDADE DAQUELE ABRAÇO

Em alguns momentos da vida, pego o pensamento perdido nas lembranças de um tempo que deixa saudades...

Saudade das poucas vezes que me levou para passear de carro...

Dos intensos e raros instantes de carinho, onde você, tão grande e perfeito, sentava na beira da cama, me segurava com suas mãos macias e me colocava em seu colo. Olhava no fundo dos meus olhos parecendo atravessar minha alma e quem sabe, decifrar os códigos que passeavam pela mente inquieta, cheia de dúvidas sobre mundos desconhecidos...

Da forma como aflagava meus curtos cabelos e dizia que eu era linda, mesmo contrariando tudo aquilo que, dia após dia, eu via no espelho.

Fica a saudade daquele abraço apertado, que sem saber se você que era grande e forte, ou eu, sempre pequena e indefesa, simplesmente me fazia esquecer todos os problemas que haviam além daquele quarto, os medos que estariam por vir, bem como os lampejos da tempestade se aprontando mais dentro que fora de mim.

E ao sair daquele quarto, você levava consigo minha inocência, minha doçura e meu encanto. Enquanto que em mim permaneciam a brandura do seu olhar, a magia da sua ternura e tantas outras afirmações misturavam-se às minhas intenções.

Passou o tempo e fiquei a recordar aquele abraço, do primeiro grande homem da minha vida: meu pai. E outras saudades maiores ou menores, dos outros abraços, de outros homens que vieram depois... Amigos, amantes e filhos.

QUEM SOU EU? DOIS E MEIO.

Lembro dos ontens
e alguns parecem tocáveis.
Lembro dos anteontens
contra a vontade do consciente.
Passo noites acordado
tentando esquecer retornos insistentes
ao antigo de mim.
Lágrimas e risos acompanham
atrapalhando e alterando o ritmo
que eu mesmo já nem sei quando escolhi.

Vivo de passados e futuros
espremendo até a última gota
entre a ilusão e a saudade.
Risco rabiscos de planos incompletos
sustentados pelas angústias
de um eu que não mais existe
mas persiste e sobrevive
aparando-se num amanhã
que nunca se aproxima
e a todo instante, mata.

Quando eu falava,
tudo parecia radical.
Sentindo os mistérios envolventes
de outros viventes,
tornei-me crítico e marginal.
Tentei acreditar em deuses
quando só eus restaram.
Conheci a maldade nos corações
e permaneci morrendo
enquanto tentava parecer normal.

Sou meio de pai e meio de mãe.

fiz-me inteiro e continuei metade
sonhando e inventando.
Sou meio pretérito,
cinquenta por cento do futuro.
E sou apenas eu
acontecendo e despercebendo,
fazendo e reclamando
por um agora mais presente
especialmente perto do que quero ser aqui.

O CORAÇÃO DA LÁGRIMA

Quantos sentimentos são capazes de embalar um choro?

Quantas dores necessárias para esconder outras lágrimas?

Quem de nós esquece o real motivo do choro e sorri ou entristece ao se transportar para outra dimensão dando direção e sentido à lágrima?

Será que existe mais alguém que ao chorar se pergunte onde fica o coração de uma lágrima?

E se existe mesmo, há um coração para cada gota de dúvida, há razão para cada pingo de falta de alegria?

Existindo essa possibilidade, onde fica, que forma tem e quais cores não lhe pertencem?

Tantos questionamentos... ocupando a mente.

Teriam, elas, medos?

Sofrem igualmente dos mesmos paradigmas e conflitos mundanos?

Ou nossas dores e amores são justamente as motivações de suas maiores conquistas?

Talvez sejamos todos opostos?

Sendo essa uma hipótese verdadeira, seriam nossas glândulas lacrimais as maiores causadoras de desiluições e paixões. Estas sim seriam as culpadas e não aqueles outros tentando agradar nossos sonhos e corações.

E se tudo em que acreditávamos até antes de agora for mais uma mentira contada e aprendida?

Seria nosso coração, o da lágrima ou a própria lágrima?

EXCLUSIVIDADE

Lá vem o passado pedindo licença, abrindo espaço para novidades.

Lá vem o futuro, fazendo pirraça enquanto a eternidade abraça um momento inseguro.

Perdidos nas contradições dos sentimentos que não mais envolvem, as essências tentaram ser humanas silenciosamente inquietas.

Entre morreres e tornar a nascer, ondulando entre dúvidas e falsas certezas, continuam sozinhos trancafiados fora de si.

Permanecem, enlouquecem e descobrem-se reais.

Insanamente procuram ser únicos, quando tudo já foi realizado, enquanto não há nada perfeito.

Flutuam na imensidão da ilusão, forçando-se a crer que os sonhos não superam a razão.

E quando o amor se matar de dor... a loucura se alegrar de infinito maior, hão de ter as perguntas respondidas, dando continuidade sem saber que a mais exclusiva sentença de existir, se dá e acontece naquilo que menos se deseja, no exato momento do instante que não se espera.